

PORTE PAGO  
DR/SC  
ISR-58 - 603/87

**BLUMENAU**

**EM**

**CADERNOS**

+++++  
Sra. MATHILDE FRISCHKNECHT +++++  
Caixa Postal, 238 - BLUMENAU  
+++++

TOMO XXX

MARÇO DE 1989

Nº. 3

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger



# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

Março de 1989

Nº. 3

## SUMÁRIO

Página

Escolas no Século Passado . . . . .	66
Prefeito Kleinubing reúne-se com o Conselho Curador . . . . .	67
Autores Catarinenses . . . . .	68
Carnaval Alemão . . . . .	70
1869-1989: 120 Anos de Imigração Polonesa . . . . .	77
Figuras do Passado — Otto Stutzer . . . . .	79
Subsídios Históricos . . . . .	80
Cem Anos de Música em Nova Trento . . . . .	82
Imigrantes de Karlsdorf — Neuthard . . . . .	84
Aconteceu . . . . .	87
Leis que Regulamentaram a Distribuição de Terras na Colônia . . . . .	89
Bodas de Diamante do Casal Garni . . . . .	92
Blumenau — Algumas Notas Históricas . . . . .	94
Museu de Informática já está exposto na Biblioteca . . . . .	96

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) Cz\$ 850,00 + 150,00 (porte) = 1.000,00

Número avulso Cz\$ 100,00 — Atrasado Cz\$ 200,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 1.500,00 + 500,00 (porte) = 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L



# ESCOLAS NO SÉCULO PASSADO

Frederico Kilian

Sobre o tema "ESCOLAS" o jornal "DER URWALDSBOTE", em seu número 6 de 29 de agosto de 1883, publica várias notícias das quais extraímos os seguintes dados: **Escola I da Comunidade de Itoupava** — O terreno sobre o qual foi edificado a escola, foi designado pelo Governo e abrange a área de cerca 20 geiras (cca. 50.000 m<sup>2</sup>). A escola foi construída no ano de 1870. O Governo deu uma subvenção de quatrocentos milreis (Rs. antigos: 400\$000). Em face disto o edificio para escola e igreja pôde ser construído com todos os requisitos necessários. A sala de aula tem o espaço suficiente para nela se realizarem os cultos divinos. O primeiro professor desta escola foi o senhor C. Kühne, que no ano de 1870 abriu a escola com 70 alunos. Em face de divergências entre os sócios, foi aberta uma sucursal da escola e o número de alunos baixou para a metade, número este que permaneceu dali em diante. Dos professores que se sucederam ao primeiro, devem ser citados os senhores Schäfer, Schümann, Graupner, Thomsen, Lejeune, Fischer e Th. Schulz, este, ultimamente (1893) era o dirigente da escola. A mensalidade escolar importava em média seiscentos reis (Rs. 0\$600). Havendo mais alunos de uma só família, havia desconto: o primeiro pagava 900 reis, o segundo, 600 reis e o terceiro somente 300 reis (0\$300).

— Para o distrito de **Ilse Alta**, foi reservado, por parte da Direção da Colônia, um terreno com cerca de 100 geiras, constante do lote colonial n.º 163. Lá pelo ano de 1876, os moradores da Ilse Alta, resolveram construir sobre este lote uma escola. Esta escola, subvencionada pelo governo, e que de início contava com 15 a 20 alunos, foi dirigida sucessivamente pelos professores: Fiebes, A. Müller, Otto Wagner e por último (1893) por C. Zenker. Quando, em 1880 ou 1881, foram suspensas as subvenções para todas as escolas, a escola de Ilse Alta deixou de funcionar e a mesma foi substituída por uma outra escola, particular, do senhor C. Zenker, a qual funcionou de 1881 a 1888, onde cerca de 90 crianças receberam ali seus conhecimentos escolares. A mensalidade escolar importava nesta escola particular, como também a era na outra, na media em 700 reis.

No ano de 1886 formou-se a **Comunidade de Ilse Neisse**, com cerca de 55 sócios, que edificaram, com recursos próprios, o lote da escola de N.º 163 um edificio adequado para escola e casa de orações. Além disso foi construído, no lote N.º 187, pertencente ao senhor Frederico Strey e distante cerca de 6 quilômetros do lote N.º 163, um outro predio escolar, ficando estabelecido que o professor residente no lote n.º 163b, deveria lecionar em ambas as escolas. — Como professores nestas escolas funcionaram os senhores Howard Domeyer e Margraf, cada um deles não mais do que um ano.

No início do ano de 1889 o professor C. Zenker assumiu o car-



go de professor nas duas escolas, função esta que manteve até o mês de junho de 1893, quando deixou este cargo e abriu uma escola particular no seu lote N.º. 189, que a início contava com 14 alunos e na qual também alguns rapazes foram admitidos como pensionistas. A mensalidade escolar importava em um milreis (Rs 1\$000).

A **Escola Ilse Neisse Baixa** contava no ano de 1891 com 39 alunos e a de **Ilse Neisse Alta** com 32 alunos em 1893 a de baixo com cerca de 30 e a de cima com cerca de 18 alunos. A mensalidade escolar importava em 1\$100 reis (um mil e cem reis) Desde junho de 1893, funcionou, como professor o senhor Göbel.

---

## Prefeito Kleinubing reúne-se com o Conselho Curador

O Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", que tem na sua presidência o mais antigo conselheiro, o advogado e contabilista Elimar Baumgarten, reuniu-se no dia 7 deste mês de março, ocasião em que, a convite do mesmo Conselho, esteve presente à reunião s. excia. o Dr. Vilson Pedro Kleinubing, prefeito de Blumenau.

O chefe do Executivo foi recebido com satisfação pelos srs. Conselheiros, pois, diga-se de passagem, foi o primeiro prefeito a participar de uma reunião do Conselho Curador nestes últimos dez anos. A sua presença, revela bem a intenção, como afirmou durante a reunião, de prestigiar de toda forma possível, os eventos culturais de Blumenau e em especial a Fundação "Casa Dr. Blumenau", que é a mantenedora das mais expressivas manifestações de cultura em favor da comunidade, através da Biblioteca, do Arquivo Histórico e do Museu da Família Colonial.

Kleinubing expôs aos conselheiros, seus planos e suas intenções quanto a preservação de to-

da a área considerada como o "Stadplatz" (ponto de nascimento da cidade) ocorrido há 139 anos, para que no futuro se possa ter condições de, através de um bem elaborado projeto urbanístico, criar um dos mais belos centros de cultura e de lazer para a comunidade blumenauense.

A presença do prefeito Kleinubing na reunião foi, enfim, marcada por troca de idéias e proveito total inclusive em favor de seu governo, tendo s. excia. exposto também aos srs. conselheiros seus planos administrativos em geral, suas dificuldades e as possibilidades de solucionar os inúmeros problemas na administração blumenauense em favor dos municípios.

Ao se despedir dos srs. conselheiros, no final da reunião, Kleinubing prometeu que, sendo convidado, estará presente novamente na próxima reunião trimestral. Garantiu, por outro lado, que conseguirá, para a Fundação construir o Museu da Indústria, o terreno lateral ao da Biblioteca, sem ônus para a Prefeitura e para a Fundação.



## SABOR DE AVENTURA

Vistos à distância, certos atos adquirem aquele sabor próprio da aventura e despertam intensa curiosidade. Assim sempre se desenharam aos meus olhos, nas minhas andanças pelas inúmeras cidades do interior do Estado em que vivi, os serviços dos extensionistas da ACARESC. Aquele vai-e-vem incansável daqueles funcionários, todos imbuídos de uma arraigada filosofia assistencial, punha em ebulição dentro de mim os restos de sangue nômade que ainda devem existir e eu lamentava minha condição de bacharel e livresco que não podia acompanhá-los pelos carreiros e picadas, levando à população isolada os rudimentos da técnica, conhecendo pessoas curiosas e vivendo diretamente a mais pura realidade.

Com o passar dos anos aprendi mais um pouco sobre a ACARESC e até travei amizade com diversos de seus integrantes, mesmo porque eles, como eu, participavam das iniciativas comunitárias. E pude então testemunhar a importância de sua atuação no meio rural, dando assistência, orientando, ensinando e organizando a vida das famílias e dos pequenos aglomerados humanos, muitos deles perdidos nas dobras das montanhas ou na imensidão de campinas esbatidas pelo vento. Testemunhei também a genuína liderança exercida por alguns desses homens, capazes de mobilizar as massas de lavradores, em geral desconfiadas e temerosas de aglomerações. Lembro-me de casos em que a pequena cidade, sede do município, se viu literalmente invadida pela população rural graças aos apelos do agrônomo da ACARESC, deixando incrédulos os políticos locais, invejosos daquele poder quase mágico. Mas isso era apenas o resultado do serviço prestado desinteressadamente, a confiança depositada em quem apenas servia sem outras intencões. Homens e mulheres do interior, tantas vezes vítimas da mais impiedosa exploração, viam neles os amigos prontos a ajudá-los nas dificuldades e na busca de melhores condições de vida.

Por isso tudo é que tenho folheado com interesse e atenção um livro que revive todas essas coisas e as descreve em cores muito vivas. Trata-se de "A Extensão Rural na História de Timbó", de autoria de Sérgio Roberto Maestrelli (engenheiro-agrônomo), Celina Maria Becker e Virson Holderbaum (1988). Baseado em intensas pesquisas, muito ilustrado e documentado, esse volume é bem uma comprovação do impacto e da transformação impostos pelo extensionismo numa comunidade. Partindo das mais remotas notícias sobre Timbó e a luta dos primeiros povoadores, vai descrevendo a evolução e as conquistas, as realizações e o progresso, a instalação da ACARESC em Timbó, no distante 1957, dando prosseguimentos em todo o Estado às ações de-



envolvidas pelo ETA Projeto 17. E desde aí, com depoimentos e fotos, imagens e palavras, vai construindo um painel da ação benéfica desses homens e mulheres que têm como objetivo servir aos que labutam na terra. São lembrados com justiça os colaboradores de todos os tempos, os entusiastas, os simpatizantes, não sendo esquecida a mulher no seu laborioso dia-a-dia rural, os fatos pitorescos autênticos e a galeria dos que se destacaram. Um livro que comove porque revela a garra dos que fizeram o Estado e daqueles que lhes estenderam as mãos firmes para que pudessem vencer.

## REVISTA DA A. C. L.

Está circulando mais um volume da "Revista da Academia Catarinense de Letras" — o número 8 — correspondente aos anos de 1986, 1987 e 1988. Num esforço para colocar em dia a publicação, o alentado livro traz trabalhos de Lauro Junkes, Edy Leopoldo Tremel, Carlos Gomes de Oliveira, Paschoal Apóstolo Pitsica, poemas de Arthur Pereira Oliveira, Maura de Senna Pereira, Francisco Carvalho, Leatrice Moellmann, Rodrigo de Haro, Hugo Mund Júnior, Pinheiro Neto, Joel Rogério Furtado, notícias sobre "sessões da saudade" em memória de Edmundo Acácio Moreira, textos diversos (conferências, discursos, poesias, crônicas, contos, páginas de memórias e histórias, etc.), notícias, relatórios e a publicação dos Estatutos da Casa.

Este volume, retomando a caminhada interrompida de "Signos" (denominação anterior da revista), deve-se sem dúvida ao esforço de um dinâmico presidente — Paschoal Apóstolo Pitsica. Esperemos que a ACL consiga publicar com maior frequência seus anais, pois que são eles os registradores de sua atividade.

## CULTURA

Circula também mais um número de "Cultura", jornal da Secretaria da Cultura e do Esporte e da Fundação Catarinense de Cultura. Ensaaios, artigos, entrevistas e poemas enchem o jornal. Vamos esperar que ele cresça no número de páginas e circule com regularidade, melhorando sempre, de forma a conquistar boa reputação, como tem acontecido com o veterano "Suplemento Literário do Minas Gerais" (Belo Horizonte) e "D. O. Leitura" (São Paulo), entre outros, e que embora sejam editados por órgãos públicos estão isentos da desconfiança que costuma cercar as publicações oficiais.

## NOVOS TÍTULOS

Surgiram no período os livros "Três Partituras", poemas de Marcos Konder Reis (Editora Cátedra — Rio — 1988); "O Brigadeiro José da Silva Paes", ensaio de Walter F. Piazza (Editora da UFSC —



Florianópolis — 1989) e “A Luta dos Sem Terra no Oeste Catarinense”, ensaio de Teresa Kleba Lisboa (Idem).

## RÊS DO CHÃO

De uma entrevista que dei à “Ilha”, suplemento cultural de Joinville, na série coordenada por Luís Carlos Amorim, tomo a liberdade de transcrever este trecho, por me parecer atualíssimo:

“A Ilha — Como você vê a Literatura Catarinense de hoje?

EA — Não vejo com bons olhos. Os livros surgem, mas nada de novo acontece. Muitos se repetem e outros tentam inovar, sem sucesso. Também não existe crítica; quase tudo, com uma ou outra exceção, se resumindo em notinhas. Não há críticos, há notistas, mesmo que a crítica também seja um gênero existente, que dá trabalho e exige esforço. O livro catarinense não encontra espaço, ocupado pelos **best-sellers**, que viveriam muito bem sem esses espaços, e que, no entanto, entram com uma força avassaladora. Nereu Corrêa e Salim Miguel acabaram com suas colunas. Só Lauro Junkes e eu persistimos, como dois abencerragens a acreditar numa coisa em que ninguém mais parece acreditar: a literatura. Mas, como a esperança é a última que morre, ainda conservo um fiapo de fé no futuro e no aparecimento de novos e autênticos valores no panorama das letras catarinenses”.

Pois é: está difícil de sair do rés do chão.

---

## CARNAVAL ALEMÃO

MARITA DEEKE SASSE

(LET 2090 — Cultura Brasileira — Pós-Graduação)

Trabalho realizado na disciplina Carnaval e Carnavalização, sob orientação do professor Affonso Romano de Sant’Anna — 1º. Semestre de 1987, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### INTRODUÇÃO

A decisão de abordar a “Oktoberfest” aconteceu em conversa em sala de aula, mesmo quando não tínhamos a íntima certeza que seria um tema legítimo dentro da teoria em estudo em nosso curso.

Mas por conselho do Mestre, começamos a trabalhar no assun-

to, e à medida que aprofundamos a pesquisa, tanto em relação à festa, como em relação aos próprios pressupostos teóricos, o interesse foi ficando maior.

Enfim, com todo o material em mãos, graças à boa vontade do pessoal amigo de Blumenau e graças às leituras orientadas e esclarecedoras, resta-nos buscar talento para juntar, com a devi-



da propriedade, os ritos e os mitos desta festa que está acontecendo lá, há apenas quatro anos, mas cujo entusiasmo estendeu-se pelo Brasil afora.

Copiamos fragmento de reportagem do jornal "A Notícia" de Joinville (17/10/86): Há quem diga: "Não vejo nada de especial na "Oktoberfest", é apenas um grande baile de chope". E por que tantos visitantes? Porque é isto que agrada, descansa a mente das pressões diárias, relaxa, alegra e fascina. Como vemos, as pessoas são fundamentalmente simples, necessitam de coisas descomplicadas..."

O repórter que escreveu isto, provavelmente não se preocupa com teorias antropológicas, mas empregou o bom senso que surge da sabedoria popular.

Para quem viveu e conviveu em Blumenau durante estas últimas décadas, de fato, conseguiu se espantar com esta súbita explosão carnavalesca de euforia e excessos que é a "Oktoberfest".

Aceitou-se, durante mais de um século (a fundação do município aconteceu em 1850), a realidade de que neste lugar não se faz Carnaval. Isto sempre foi assim. Ninguém se preocupa em explicar o porque. Os jovens que gostam de expandir-se numa legítima folia e rebolado, nos dias que antecedem a 4a. feira de Cinzas, dirigem-se a Itajaí, por exem-

plo, que tem uma bela tradição carnavalesca, com desfiles e carros alegóricos, ou a Florianópolis, que cultiva até o costume das Escolas de Samba, ou a Laguna, cuja animação e até sofisticação possui fama antiga nos seus festejos de Momo.

Nos municípios do Verde Vale, porém, e principalmente em Blumenau, alguns clubes tentaram promover, nessa época, manifestações do samba, mas não passaram de tímidas iniciativas. "Esse pessoal não é de nada. Essa alemoada só pensa em trabalhar". Ornamentação de rua não existe. Tempo de Carnaval em Blumenau é tempo de calor e pouco movimento, principalmente quando o comércio também se recolhe.

Seria tudo isto reflexo do protestantismo (1) como religião dominante por tanto tempo, cuja tradição trazida da Europa é avessa a estes "descomedimentos? Ou porque lhes falta o tempero do elemento afro, já que a imigração alemã, desde o início da colonização, não assimilando o sistema da escravatura, não se miscigenou, como acontecia nos núcleos vizinhos (onde se faz Carnaval!)?

Se você perguntar a um passante da Rua XV a esse respeito, ele é capaz de lhe responder inocentemente: "é por que aqui está nos faltando a animação do criou-

1. WEIDKUHN, P. (1976)

**TEKA** É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.



lo". Como se um pouco menos de pigmento fosse o responsável pela aparente casmurrice e pasmaqueira dessa gente. E bem frisamos, aparente, porque o pessoal da cidade não se lembra da animação das festas populares do interior, como as comemorações da coroação dos Reis do Tiro, as festas de Igreja (com suas tradicionais Roda da Fortuna, barraquinhas, bandas típicas) as festas de Rainha da Primavera, as festas de casamento, com um ritual todo especial (que só ele próprio valeria uma pesquisa) e os freqüentes e freqüentadíssimos bailes públicos que a gente da cidade só conhece em tempo de eleição. (2)

É que, em geral, o brasileiro da cidade (grande ou pequena) assimilou que Carnaval é coisa legítima de baiano ou carioca e que ritmo carnavalesco não pode ser outro que não o do samba. (Se, porventura, for a Veneza ver o Carnaval "morre de rir da música deles".) E acaba tudo se transformando em verdade. Afinal, somos "O País do Carnaval" por causa do nosso samba mesmo.

Mas, é que faz bem pouco tempo que a ciência social esclareceu alguma coisa a respeito, ou

tomou conhecimento do núcleo comum de todas estas manifestações, independentemente do ritmo ou cadência melódica de sua alegria.

Para Isidoro Alves (3), na vida brasileira, esses momentos não rotineiros parecem expressar valores e significados de grande importância, mas nem sempre foram estudados adequadamente na tradição sócio-antropológica. Os carnavais, as festas de santo, os desfiles, os festivais, as diversas manifestações que aparecem sob a rubrica de "folclore", são eventos que se enquadrariam na perspectiva apontada, demandando, portanto, uma abordagem em que se reavaliasse a conotação do exótico.

É o que nós estamos timidamente tentando fazer. Embora a "Oktoberfest" tenha brotado tão de repente e tão recentemente em Blumenau (fato que originava nossas dúvidas iniciais) não deixa de ser uma expansão legítima de uma força latente, abrigada anteriormente no recôndito das "tifas", (4) que nunca tinha deixado de se manifestar, mas só agora aparecendo também, para o mundo, como notícia.

- 
2. Há bem pouco tempo a ciência social esclareceu alguma coisa sobre o indiscutível arraigamento de manifestações deste tipo na estrutura social e cultural das classes menos favorecidas.
  3. ALVES, I. (1980) p. 25
  4. Expressão regional do Vale do Itajaí. Significa entrada no mato, beco sem saída.
- 

— Cuidemos de fazer apenas o que nos diga respeito e seja oportuno.  
(Thoreau)



## 1º. PARTE

### 1. ORIGENS MITOLÓGICAS E HISTÓRICAS

#### 1.1. — A Bebida Milenar

Dizem as enciclopédias (1) que a cerveja é provavelmente a mais antiga bebida alcoólica. Os babilônios e egípcios fermentavam-na há mais de seis mil anos. Os egípcios teriam transmitido sua receita aos egéus, tendo sua fermentação se difundido entre gregos, romanos e outros povos mediterrâneos. Sua maior popularidade hoje é junto aos povos saxões que a introduziram na Inglaterra e na Alemanha, onde é praticamente a bebida nacional.

A cerveja é obtida pela fermentação de um mosto feito com grãos de cevada germinada (malte), lúpulo, levedura e água. Tem baixo teor alcoólico de 5% a 6% e é a bebida de maior consumo no mundo.

#### 1.2. — Os Rituais Pagãos e a Cerveja

Conta-se que os antigos germanos sempre apreciaram a cerveja, entrando esta bebida em várias solenidades de seu culto religioso (2). Bebia-se, cerveja em todas as reuniões solenes, e o fato de beberem juntos constituía um laço mágico, não somente entre os presentes, mas entre os deuses e os homens. Todos sabiam prepará-la e havia usos dos quais ninguém podia se subtrair, sob a pena de sacrilégio. Para to-

das as ocasiões importantes, era mister preparar imensas quantidades dessa bebida, que o povo ia lançando num enorme recipiente. Era de regra continuar a festa ou reunião até que a cerveja acabasse. Afirma-se ter sido São Columbano, o evangelizador dos germânicos que presenciou e registrou as manifestações em torno destas monstruosas cubas que os alamanos preparavam para oferecer ao Deus WOTAN.

#### 1.3 — À Festa da Cerveja na Alemanha

A maior festa da cerveja do mundo acontece em Munique na Baviera. Registra-se, historicamente, que a primeira "Oktoberfest" aconteceu em 1810, por ocasião do casamento do filho do rei Maximiliano José, que se chamava Luís, com a jovem Teresa de Sachs-Hilburg (3).

A Baviera é um estado do sudeste da Alemanha Ocidental, com uma área de 70.500 km<sup>2</sup>. A maior parte do Estado é um planalto circundado e cortado por montanhas e é banhado pelos rios Danúbio e Reno. É um centro turístico por causa de suas montanhas e lagos. Sua população (cerca de 11.000 hab.) é constituída em quase sua metade por agricultores e uma das suas principais culturas (entre o trigo, a cevada, o centeio, a aveia, a alfafa e o feno) é o lúpulo, usado na fabricação da cerveja. A Baviera foi du-

1. BARSÁ (1980) v. 4 e DELTA UNIVERSAL (1984) v. 4

2. SPALDING, T. O. (s/d) p. 18

3. PRAETORIUS e HARTMANN (1986)



çado, reino, república e Estado em épocas diferentes de sua história. Primeiramente habitada pelos celtas, tornou-se um ducado da Alemanha depois que tribos germânicas a invadiram no século VI. Napoleão fez da Baviera um reino em 1805 e, mais tarde, se tornou Estado do Império Germânico, quando a Alemanha se unificou em 1871. Depois da Primeira Guerra, foi por breve período república, tornando-se, em seguida, parte da Alemanha outra vez. Ocupada depois da Segunda Guerra pelos norte-americanos, torna-se, em nossos dias, um Estado da Alemanha Ocidental. (4)

Pois, por ocasião do casamento do príncipe (em 1810) foi idéia organizar-se uma corrida de cavalos num enorme prado que, por sua vez também já era tradicional nestas ocasiões, desde outro memorável casamento do Duque Alberto III com Ana de Braunschweig em 1437 (que teria envolvido tramas e peripécias culminantes numa competição hípica). Tendo também Luis e Teresa realizado e festejado seu casamento com todas as manifestações populares típicas, além da tradicional corrida e da apresentação da bela e jovem princesa a seus encantados súditos, tudo isto transformou-se em tradição anual que, com o tempo foi metamorfoseando-se numa monumental festa da cerveja, patrocinada pelos fabricantes da região. O local da festa tomou o nome de Theresien-Wiese (Prado de Teresa) que, todos os anos, sob o sol de outubro, é palco desta monumental confraternização. Somente interrompida du-

rante os anos das guerras, a festa repete-se até nossos dias.

## 2. A "OKTOBERFEST" NA ALEMANHA MODERNA

Para ter-se uma idéia da realidade do evento, descrevemos o que foi, em termos e números gerais, segundo notícias da imprensa, a festa de 1986 (5). Realizou-se no período de 20 de setembro a 5 de outubro. Durante dezesseis dias, cerca de sete milhões de pessoas desfrutaram de inúmeras diversões ao som de muita música e em meio de uma alegria contagiante. Registrou-se que foram consumidos cerca de cem bois inteiros ao espeto, seiscentos mil frangos assados e trezentos mil pares de salsichas de porco, além de toda sorte de pratos típicos, saladas, bolos, doces e tortas. Como acompanhamento foram servidos cerca de sessenta mil hectolitros da melhor cerveja do mundo. A programação iniciou-se com desfile de, aproximadamente mil pessoas que iam trabalhar durante a festa. Sobre carroças ricamente enfeitadas, os cervejeiros, suas famílias, colaboradores, músicos e garçonetes, encaminham-se para a área do Theresien-Wiese, a fim de iniciar suas atividades. No mesmo dia, apresentam-se em espetáculo de folclore internacional, grupos caracterizados com os mais belos e extravagantes trajes e sua música e dança. Fala-se que o acontecimento mais espetacular do evento tem sido a Grande Parada, reunindo cerca de mil participantes em um desfile de quilômetros de comprimen-

4. DELTA UNIVERSAL (1984) v. 1

5. *Jornal de Santa Catarina* -Blumenau 2 set. 1986



to. Bandas de música, carros alegóricos, cavalos de raça, uniformes históricos, arqueiros e grupos folclóricos da Baviera e de toda a Europa, desfilam durante horas e horas. Acorrem a Munique visitantes de todo o mundo e durante duas semanas há muita música, cerveja e divertimentos, desde os mais tradicionais aos mais sofisticados da vida moderna.

### 3. A "OKTOBERFEST" DE BLUMENAU

A "Oktoberfest" marca a chegada da Primavera no Vale do Itajaí, onde se localiza Blumenau. Rodeada de montanhas, banhada pelo Rio Itajaí-Açú, torna-se palco de uma grande festa, onde o espetáculo da natureza completa-se com a cultura típica de sua gente.

Durante muito tempo a população de Blumenau pretendia promover uma festa da cerveja nos moldes da comemoração da Baviera. Aproveitando justamente o fato de Blumenau ser uma cidade fortemente marcada pela imigração alemã no Brasil, tanto na arquitetura como no tipo físico do habitante, como nos restaurantes típicos e festas e para promover a reconstrução material e espiritual da cidade, da riqueza do município arrasado pelas enchentes de 83 e 84, a Prefeitura decidiu acatar a tradição da "Oktoberfest".

Blumenau, ressurgiu das águas, então, ainda mais típica e boneca: casas pintadas de branco, jardins inteiramente floridos, calçadas lavadas e escovadas de fresco, totalmente embandeirada de branco e vermelho, as cores o-

ficiais do município. O sucesso foi tão grande que o evento passou a fazer parte do calendário oficial de Blumenau.

A primeira "Oktoberfest" aconteceu, pois, sessenta dias após à grande inundação de 1984. Era necessário espantar o fantasma da tristeza deixada por tanta destruição e o sucesso foi total. Mais de 100 mil pessoas participaram dela, quando foram consumidos 100 mil litros de chope e 12 toneladas de alimentos, tendo durado dez dias.

A segunda festa, um ano depois, ultrapassou as expectativas, pois contou com mais de 300 mil pessoas, que consumiram mais de 250 mil litros de chope e 20 toneladas de alimentos, em 17 dias de festa animada por bandas típicas e desfiles. Estava consagrado o evento.

A terceira festa durou também 17 dias (de 3 a 19 de outubro de 86). Contou com a presença de 800 mil visitantes. Foram consumidas quantidades inacreditáveis de bebidas e alimentos. Só de chope, nos gigantescos salões foram bebidos 500 mil litros.

#### 3.1 — Como Acontece a Festa

Durante as duas primeiras semanas de outubro, a cidade de Blumenau se transforma toda numa verdadeira colônia alemã. Os críticos falam de "maquiagem" germânica. Os preparativos já começam muito antes, ensaiando-se bandas, reservando-se comidas e bebidas e especialmente o chope para os dias do CARNAVAL alemão.

A festa começa com uma alvorada festiva por conta dos colégios da cidade e bem cedo as bandas típicas já iniciam o alvoroço nas principais ruas do



centro. Às dez da manhã, Vovô Chopão, gordo e barrigudo, abre a grande temporada da bebedeira. A partir daí, ele promove diariamente a distribuição do chope grátis nos "Bierwagen" que percorrem as principais ruas da cidade. A noitinha acontece o Desfile Oficial de Abertura com a participação de carros alegóricos, Clubes de Caça e Tiro e Grupos Folclóricos.

A verdadeira folia inicia-se após o corte da fita simbólica da festa, em presença das autoridades locais e pela sangria de um imenso barril de chope vindo de Munique especialmente para a ocasião.

Estouram então os bailes, ao som de músicas enlouquecedoras nos gigantescos salões da PROEB (Pavilhões permanentes de exposições) com a apresentação da Rainha da Festa e a abertura do Concurso de tomadores de Chope em metro. A comida e a bebida são fartas, predominando todas as modalidades típicas e os divertimentos, todos os imagináveis para a ocasião. Os salões ficam superlotados bem como o Parque de Diversões com suas cidadezinhas em miniatura e todas as possíveis atrações infantis. A alegria é geral. O ritmo das bandas típicas (algumas vindas da Alemanha) é contagiante e não há quem não ceda à tentação de cair no embalo infernal. Embora a imprensa tente reforçar a imagem de ordem, não podem ser evitados os excessos que são controlados por plantonistas especializados e por guardas, sem que este policiamento seja ostensivo.

Durante todos os dezessete dias de festa, porém, a cidade não pára. Os estudantes fazem suas provas, comércio e bancos funcionam. A diferença é que se trabalha (bem ou mal) em ritmo de barulho e alegria (pois as bandinhas não cessam de tocar) os "Bierwagen" aparecem sempre acompanhados de algazarra típica. Na hora dos desfiles é que a situação fica crítica, pois acontece um engarrafamento de trânsito total. Mas com o seus horários marcados são seguidos à risca, cada um já pode fazer suas próprias previsões para não perder seus compromissos.

### 3.1.1 — Quem promove a festa, quem lucra

A "Oktoberfest" blumenauense não deu lucro nas suas comemorações iniciais. Promovida pela Prefeitura Municipal e por grandes firmas locais, afirmam os organizadores que se trata de um investimento que a administração pública faz para o lazer da comunidade. A verdade é que se o prejuízo foi sentido num primeiro balanço, a cidade toda em si tem seu lucro na acolhida dos turistas vindos de todos os pontos do País que esvaziam suas lojas, superlotam seus hotéis, abundam em seus restaurantes. A terceira festa já mostrou lucro para os cofres públicos, fora o que já se falou das compensações que todos têm e sentem.

### 3.1.2 — A festa e as promoções artísticas

O clima da comemoração envolve toda a comunidade. As es-

colas estaduais cooperam com



suas bandas, as escolas municipais colaboram com seu lindíssimo coral de mil vozes infantis que emociona às lágrimas, tal a beleza de sua apresentação em locais públicos da cidade. São promovidos também concursos de poesia, como também exposições de obras de arte.

### 3.1.3 — O Vovô Chopão — criação de artista local

Símbolo oficial da "Oktoberfest", Vovô Chopão é o rei da folia. Ele não é destronado, nem morre no fim da festa. Apenas se recolhe às páginas do jornalzinho

de domingo onde nasceu, da pena do cartunista Luiz Cé, em .. 1979. Durante os dezessete dias da festa ele é encarnado por um cidadão blumenauense que o representa com alegria e fanfarro-nice.

### 3.1.4 — A Rainha da Festa

Sempre loirinha e rosada, vestida de vermelho e branco e escolhida entre representantes de Clubes de Caça e Tiro locais, tem como principal função, já antes da festa, promovê-la em diversos estados brasileiros. Admirada e festejada, é uma verdadeira Rainha da Primavera.  
(Conclue no próximo número)

---

## 1869-1989: 120 anos de imigração polonesa

Maria do Carmo R. K. Goulart

Por que a Colônia Príncipe Dom Pedro recebeu este nome? A princípio, deveu-se à política nacionalista do Imperador Brasileiro durante a Guerra do Paraguai. Em segundo lugar, para que seu nome permanecesse na lembrança dos colonos imigrantes e, com certeza, na dos brasileiros colonizadores.

A proposta com a citada Colônia oficial foi a de habitá-la com colonos imigrantes que trabalhassem a terra. Inicialmente foi dirigida pelo dr. Barzillar Cottle; situava-se na região hoje conhecida por Águas Claras.

O Relatório do Governo da Província de Santa Catarina de 11 de agosto de 1869 (in Jornal O Despertador, Desterro, 18/09/1869, n.º 693 — Arquivo da Biblioteca Pública do Estado), comentava no item "Colonização":

"Não há felizmente diminuído a corrente de emigração estrangeira encaminhada para a Província (...)

É próspero o estado destas colônias (referia-se a Blumenau, Itajahy e D. Francisca — nota da autora) posto que alguns prejuízos em suas lavouras e obras coloniais tenham sofrido com as chuvas copiosas deste anno.

A Colônia Príncipe Dom Pedro são ainda aplicáveis às palavras que proferi perante a Assembléia Legislativa Provincial.



Alguns colonos, desses que preferem o trabalho da lavoura a ocupação de jornaleiros, cujo salário é mais prompto e facilmente recebido, teem-se ausentado da Colonia sem que este facto deponha contra o rigoroso cumprimento das obrigações por parte do Governo, nem esterilise seus aturados esforços em prol da colonisação.

A fertilidade do solo e demais condições deste estabelecimento vão compensando sobrejamente a actividade e trabalho d'aquelles que se dedicam a cultura da terra.

No principio deste mês apresentaram-se-me aqui alguns colonos pedindo auxílios e proteção, visto acharem-se reduzidos a grade penúria por effeito das enchentes e inundações que estragaram completamente suas plantações.

Attendendo, como devia, a esta justa reclamação e por outro lado considerando que é agora necessário ao lavrador dispor todo o seu tempo para empregar-o no serviço de plantação e cultura, tomei a deliberação de mandar estabelecer na colonia um armazem de viveres que suppra os colonos prejudicados pelas cheias, sendo entregue pela Thesouraria de Fazenda a quantia de réis: 8.000\$ ao respectivo Director, a quem recommendei a observancia e execução das Instruções para o mesmo fim expedidas pelo Agente official da Colonisação Dr. Ignacio da Cunha Galvão e approvadas pelo Governo Imperial".

Deste Relatório podemos concluir que:

- havia otimismo com relação às colônias, a par das chuvas e prejuizos com enchentes;
- sutilmente o Governo da Província chamava a atenção dos colonos que se ausentassem da sede;
- os esforços da Presidência eram empregados em prol da colonização, não porém de uma maneira cordial e sim lembrando que — a par da saída comentada acima —, o Governo continuava pronto a aturá-los...;
- o trabalho demasiado era compensado pela fertilidade do solo (isto, do ponto de vista do Relator);
- e, finalmente, uma prova documentada sobre a aprovação do estoque para o Armazém de Viveres (ver, a respeito, pág. 5 do livro A Imigração Polonesa em Brusque — um Recorte Histórico, da autora), garantindo suprimentos aos colonos pelo espaço de 6 meses (haja vista que a 5/02/1870 foi mandado dispensar o auxilio financeiro do referido Armazém).

- 
- O homem que se curva perante a vida, não chega a ver o cume das montanhas.

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense



# OTTO STUTZER

Frederico Kilian

Otto Stutzer, o mais velho dos três filhos do casal Benjamin Stutzer e Elise, nata Berth, nasceu em Seesen, (Alemanha) a 3 de fevereiro de 1836 e faleceu em Blumenau em 28 de fevereiro de 1927, com a idade de 91 anos. Otto Stutzer, quando menino, frequentou o Ginásio de Wolfenbüttel, cidade industrial ao sul de Brunswick. Aí Otto Stutzer estudou até aos 15 anos, quando foi admitido numa propriedade feudal de Evesen, na mesma Província, onde fez o aprendizado de agronomia. Concluído seus estudos, foi nomeado administrador da usina de açúcar de beterraba Bohmersleben, junto a Magdeburgo. Aos 20 anos deixou a Alemanha com destino a Blumenau, onde chegou em 10 de agosto de 1856. A colônia que havia sido fundada em 1850, tinha então apenas uma população de 470 almas. A fim de conhecer melhor o novo país e aprender o português, foi trabalhar, no início, na fazenda de Manoel Mafra, integrando-se aí num ambiente genuinamente brasileiro, perto da cidade de Itajaí. Conhecedor dos costumes brasileiros e do vernáculo voltou à sede da colônia de Blumenau, trabalhando em seguida como abatedor de árvores, puxador de madeira, cujas toras levava amarradas em balsa pelos rio do Testo e Itajaí até ao Salto, onde o Dr. Blumenau tinha uma serraria, trabalhando tam-

bém como serrador a serviço do Dr. Blumenau. Passados alguns anos, ele adquiriu um lote de terras junto ao Salto, dedicando-se, a partir de então, à lavoura e pecuária. Já estando casado com Therese Bichels, natural de Hamburgo, que desposara em 23 de Agosto de 1860, passou mais tarde, a residir na cidade de Blumenau. No ano de 1871 acompanhou seu cunhado, o engenheiro Emil Odebrecht, em sua viagem para Curitiba, a qual tinha por finalidade traçar a estrada do Vale do Itajaí em direção ao planalto catarinense, a qual foi concluída em 1875. Em 1881 reconstruiu a estrada que havia sido destruída parcialmente pela enchente de 1880. Empreendeu, em seguida, repetidas viagens ao planalto, para adquirir gado cavalariço, muar e vacum. Otto Stutzer ocupou vários cargos públicos que atestam a consideração que ele gozava de parte de seus concidadãos. No ano de 1871 assumiu o cargo de Juiz de Paz da Colônia.

Em 1882 foi eleito como um dos primeiros vereadores do Município, recém-criado. Foi vereador de 1883 a 1890. De 1891 a 1894 foi Procurador da Municipalidade; de 1895 a 1898 foi prefeito, então denominado Superintendente, eleito por quase totalidade dos votos dos eleitores; de 1903 a 1916, exerceu o cargo de tesoureiro da Prefeitura. Afastou-se de todas as atividades políticas, só



depois de haver atingido a idade de 80 anos. Tomou parte também em sociedades recreativas e beneficentes da colônia e, posteriormente, no respectivo Município. Foi, em 1858, um dos fundadores da sociedade de atiradores a "Schützengesellschaft". Dedicou-se mais tarde também ao "Krankenverein", sociedade beneficente de auxílio aos doentes, fundadora do Hospital Municipal; igualmente dedicou-se ao "Frohsinn" sociedade de atores amadores e cantores; ao "Teutonia" grêmio de entretenimento social em Itcupava Seca, bem como à "Escola Nova", à Igreja Evangélica e à assistência aos pobres. Viajou duas vezes à Pátria, em 1872 e 1884. Em reconhecimento dos seus méritos e para perpetuar-lhe a memória, foi colocado por proposta do então presidente da Câmara Municipal Dr. Victor Konder, mais tarde Ministro da Viação, em ..

1927, seu retrato na sala das sessões da Câmara Municipal de Blumenau. Sob o retrato lê-se: "Para exemplo das gerações vindouras". — Com a mudança da Câmara Municipal para o novo prédio à Praça Victor Konder, o retrato foi confiado ao Arquivo Histórico, a cargo da Fundação "Casa Dr. Blumenau". O alto conceito de que Otto Stutzer gozava da população de Blumenau, ficou testemunhado com o grande cortejo que acompanhou seu corpo ao ser sepultado no cemitério Evangélico desta cidade no dia 28 de fevereiro de 1927. Otto Stutzer deixou, ao falecer, 6 filhos e grande número de descendentes, relacionados no fascículo de C. Fouquet, "A Família Stutzer no Brasil", editado pelo Instituto Hans Staden, em São Paulo, em 1948, do qual foram tomados muitos dados acima consignados.

---

## ***Subsídios Históricos***

---

Coordenação e Tradução: **Rosa Herkenhoff**

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

**Notícia de 20 de julho de 1867:**

Dona Francisca. — O Planalto. O nosso engenheiro, "escoteiro" Wunderwald forneceu um relatório interessante, sobre a sua última viagem de exploração, manifestado-se favoravelmente sobre as terras da Serra Geral, as quais, em parte, foram oferecidas à venda pelo Governo, à Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Pode-se calcular a quantidade de caça existente naquela região, considerando que o sr. Wunderwald, em sua viagem, chegou a caçar 64 galinhas-do-mato, 85 javalis, 3 veados, 2 capivaras e 22 antas, além de 2 antas novas, que foram capturadas vivas. Fora os animais menores, como pacas, tatus, etc, que de vez em quando eram trazidos pelos companheiros.



### Notícia de 20 de julho de 1867:

Joinville — O centro econômico da colônia Dona Francisca conta presentemente 161 morarias, com 165 construções anexas. A população é de 800 almas. Possui quatro praças públicas, 16 ruas e caminhos, com 20 pontes e comportas, 2 igrejas, sendo uma católica e uma protestante, uma capela católica provisória, duas casas paroquiais, um edifício escolar para a Escola Pública Feminina, sendo que a Escola Pública Masculina não possui prédio próprio e funciona atualmente na igreja católica. Joinville possui um fórum com cadeia, um hospital, uma loja maçônica, um prédio para a Direção e três casas para alojamento de novos imigrantes. Estabelecimentos industriais e comerciais: 18 vendas, 1 farmácia, 1 livraria, 1 tipografia, 1 cervejaria, 1 fábrica de vinagre, 2 engenhos e descascadoras de arroz, 12 manufaturas de charutos, 10 alfaiatarias, 10 marcenarias, 10 sapatarias, 2 serralheiras, 1 funilaria, 1 olaria com cerâmica, 3 curtumes, 1 ferraria, 3 selarias, 6 açougues, e 4 padarias. Além disso: 1 segeiro, 7 carpinteiros, 6 pedreiros, 1 cordoeiro, 1 saboeiro, 3 encadernadores, 1 fotografo, fabricante de guarda-chuvas, 1 pintor, 1 tanoeiro, 3 carroceiros, 8 barqueiros, 1 parteira, 3 médicos e 1 cirurgião, 2 sacerdotes, um agente do correio e 11 funcionários municipais, da Justiça e da Direção da Colônia. Há 2 escolas públicas e 3 particulares. Existem 2 hospedarias para o alojamento de viajantes e para a diversão da população, 4 restaurantes, 4 salões de baile e 4 pistas para jogos de bolão.

### Notícias de 27 de julho de 1867:

Dona Francisca. — A Direção da colônia Dona Francisca acaba de ceder ao Governo, com todas as prerrogativas e encargos, o terreno da igreja católica, inclusive as construções paroquiais:

### Notícia de 27 de julho de 1867:

Dona Francisca — Indústria. As cadeiras de cipó, de baixo preço, expostas na última Exposição Provincial pelo "Kulturverein" (Sociedade de Cultura) suscitaram vivo interesse. O principal fabricante, sr. Eick, aceitou recentemente uma encomenda de cem dúzias de cadeiras para Montevideu e ainda de Santa Catarina (Florianópolis) e de outras localidades entraram numerosos pedidos.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

— O sofrimento tempera a alma, assim como o fogo tempera o aço.

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.



# CEM ANOS DE MÚSICA EM NOVA TRENTO

Humberto Tomasini

(Transcrito do Boletim CULTURA, da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e Fundação Catarinense de Cultura, do Estado).

"A BANDA PADRE SABBATINI TOCA DESDE 1889 EM NOVA TRENTO, A OITENTA QUILÔMETROS DE FLORIANÓPOLIS, CONFUNDINDO-SE COM A HISTÓRIA DA CIDADE. AGORA, O INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA LEVANTA O ACERVO DE PARTITURAS MUSICAIS, ESTIMADO EM MAIS DE DOIS MIL TÍTULOS.

Angelo Sabbatini

1834. Província de Macerata, região central da Itália. Costa oriental banhada pelo Adriático. No dia nove de abril, a trinta quilômetros do mar, nasce o menino Angelo Sabbatini, mais tarde ordenado padre na Ordem dos Jesuítas. Aos 31 anos, embarca em missão sacerdotal ao Brasil.

1875. Província de Trento, norte da Itália. Região do Trentino-Alto-Adige, nas encostas dos Alpes, fronteira com a Áustria. Centenas de famílias abandonam seus vales e montes em busca de nova vida na América. "Noi siamo partiti de nostro paese, noi siamo partiti com grande dolore, trenta sei giorni de machina e vapore, e al'Mérica noi siamo arrivati. Mérica, Mérica, Mérica, cosa saralo sta'Mérica. Mérica, Mérica, Mérica, le um mazzolino di fiori..." — diz a canção. Jovens casais, a maioria agricultores e hábeis artesãos, cruzam o Atlântico e dão início a uma saga, cujas causas e seqüência são narradas pelo escritor trentino Renzo M. Grosselli, em seu livro *Vincere o Morire*

— Nelle Foreste Brasiliane, editado na Itália e também em língua portuguesa pela Editora Universitária da UFSC. Neste mesmo ano aportam em Santa Catarina e muitos se estabelecem tra i monti, no Vale do Rio Tijucas, dando origem ao então Distrito Colonial de Nova Trento.

1889. Distrito de Nova Trento. A 30 quilômetros da costa marítima e a 80 da capital, então Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. Estas famílias, de alma naturalmente cantante, com o desejo de conservar suas tradições, constituíram, 14 anos depois de sua penosa chegada à nova terra, uma banda musical com o nome de Societá Filarmonica di Nuova Trento. Não seria fácil juntar os 845 mil réis que permitiram encomendar, no Rio de Janeiro, os vinte instrumentos e cadernetas onde se inscreveriam as partes cavadas que os primeiros músicos se propunham a executar. Organizou-a o Padre Angelo Sabbatini. Homem de grande talento, trabalhou em Santa Catarina, Pernambuco e São Paulo, falecendo em 1907 na cidade de Itu. Foi profes-



sor de língua latina e humanidades, mestre de música e canto, diretor de teatro e banda colegial, cantor, poeta, encadernador de livros, fundador e primeiro mestre da banda musical que hoje leva o seu nome.

1890. Nova Trento. É noite. Na residência dos jesuítas, ao lado da antiga Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em sua mesa de trabalho, o vigário Angelo Sabbatini escreve no diário da paróquia as seguintes palavras: "5 di junio — giovedì. Festa del Corpus Domini. Moltitudini tra grande. La Banda di Nuova Trento ese la prima volta suonando alla processione numerosissima. Dopo da funzione del mattino suona una polka innanzi alla chiesa. Il popolo é molto contento. Dopo le funzione della sera suona la banda innanzi a la chiesa. Il popolo applaude". Que estranhos e maravilhosos desígnios ligaram o menino Angelo, em Macerata, a outros meninos e meninas nos vales e montanhas de Trento.

#### MUSEU DA BANDA

A Societá Filarmonica di Nuova Trento, fundada em 1889, depois Sociedade Filarmônica Neotrentina, mantenedora até hoje da Banda Musical Padre Sabbatini, teve seus estatutos definitivamente constituídos no dia 25 de maio de 1890, documento redigido a mão, em italiano, e que é conservado até hoje. Em todos esses anos, a vida deste grupo musical confundiu-se com a da comunidade. Nas festas e procissões religiosas, nas missas solenes, nos cortejos fúnebres, nas fes-

tas populares, nos eventos cívicos e esportivos, em todos os momentos importantes, a Banda passou a simbolizar Nova Trento, a representá-lo em eventos fora do seu âmbito geográfico. Seus componentes renovam-se de geração a geração, através da escola de aprendizes de música mantida há décadas.

O Coral Folclórico Trentino nasceu à sua sombra. Espelha o espírito do povo neotrentino, sendo difícil imaginar Nova Trento sem a sua banda. Agora, passado quase um século de existência, ajudando a construir a história de sua gente, vê construída na esteira de seu caminho a sua própria história. Em sua sede estão zelosamente guardados documentos centenários relativos à vida deste conjunto (estatutos de fundação em italiano, atas, fotografias), instrumentos originais, dos quais se mantém as notas fiscais de compra na Casa Minerva, do Rio de Janeiro, em 1889. Um rico acervo de partituras estimado em mais de dois mil títulos (ver quadro), manuscritas desde os seus primórdios. Partituras originais de compositores neotrentinos, registros gravados com depoimentos de músicos.

Com a proximidade do centenário (1989), a Sociedade Filarmônica Neotrentina sentiu a necessidade de sistematizar este material e ampliar o acervo, mediante a organização de um núcleo dedicado à pesquisa, documentação e divulgação da memória da entidade, que carinhosamente poderíamos chamar de Museu da Banda.

---

— Há quem prefira ser infeliz num palácio a ser feliz num barracão.



# Imigrantes de Karlsdorf - Neuthard

(1858 — 1867)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Conhecemos pela História as muitas causas que provocaram as sucessivas levas de imigração. De muitas regiões da Alemanha, famílias inteiras preferiram trocar o solo pátrio pelo Brasil e outros países.

Particularmente em nossa região estamos ligados a Neuthard.

Dessa pequena vila, muitos imigrantes vieram para a Colônia Ithajahy-Brusque, entre eles, muitos membros da família Bohn, inclusive alguns que constam da enumeração que segue. O berço principal da família Bohn é Hambrücken, uma pequena cidade próxima a Karlsdorf. Depois da reforma administrativa ocorrida na Alemanha, a atual denominação é

Karlsdorf-Neuthard, junção dos nomes das duas principais vilas e que constituem a cidade do mesmo nome. Karlsdorf-Neuthard compreende também os povoados menores que fazem parte de sua administração: Altenburg, Freibad.

Karlsdorf-Neuthard está situada entre a auto-estrada que liga Karlsruhe a Darmstadt e o Reno, constituindo-se uma região fácil com agricultura bastante desenvolvida.

Dessa região, entre os anos de 1858 a 1867, cinco levas de emigrantes partiram, dos quais a maior parte chegou e fixou residência nesta região constituindo-se núcleo de tradicionais famílias.

## Embarque de 11.11.1858

- |                                 |                  |
|---------------------------------|------------------|
| 1. Família de Daniel Heneka     | (* 04.10.1818) e |
| Franziska Schott                | (* 27.08.1812)   |
| Filhos: Magdalena               | (* 21.08.1845)   |
| Nikolaus                        | (* 14.12.1851)   |
| 2. Família de Heinrich Schäfer  | (* 29.11.1824) e |
| Johanna Bohn                    | (* 14.01.1822)   |
| Filhos: Amandus                 | (* 21.03.1846)   |
| Simon                           | (* 20.07.1847)   |
| Roman                           | (* 26.10.1849)   |
| Engelbert                       | (* 06.08.1852)   |
| Veronika                        | (* 06.03.1857)   |
| 3. Família de Jacob Baumgärtner | (* 08.11.1822) e |
| Katharina Bohn                  | (* 16.03.1827)   |
| Filhos: Ida                     | (* 27.03.1850)   |
| Apollonia                       | (* 03.10.1853)   |
| Heinrich                        | (* 13.03.1856)   |
| 4. Sebastian Bohn               | (* 12.08.1829),  |
| solteiro, irmão de Katharina.   |                  |
| 5. Karl Künzel, viúvo.          |                  |



	Filhos:	Helena	(* 20.04.1849)
		Heinrich	(* 20.09.1851)
6.		Magdalena Bohn	(* 21.06.1831), viúva.
	Filha:	Theresia	(* 18.07.1854)
7.		Karl Heneka	(* 26.09.1820), solteiro.
8.		Gertraud Schlindwein	(* 25.11.1818)
9.		Johann Baptist Engster	(*12.06.1821), solteiro.
10.		Maria Eva Engster	(* 06.12.1828), viúva.
	Filhos:	Gustav	(* 31.08.1849)
		Karolina	(* 29.11.1852)
		Raimund	(* 26.08.1855)

### Embarque de 10.05.1860

1.	Família de	Mathäus Münch	(* 26.02.1811 e
		Marianne Mutschler'	(* 15.06.1815)
	Filhos:	Berta	(* 26.05.1841)
		Wilhelmina	(* 26.05.1843)
		Amalia	(* 30.03.1845)
		Thekla	(* 23.10.1849)
		Emma	(* 04.01.1852)
		Kunigunde	(* 01.02.1854)
		Wilhelm	(* 08.10.1847)
2.	Família de	Sebastian	
		Emmendörfer	(* 29.03.1814) e
		Anna Maria Bechthold	(* 30.03.1815)
	Filhos:	Wilhelm	(* 17.02.1852)
		Anton	(* 19.05.1855)
		Christina	(* 08.01.1858)
3.	Família de	Thomas	
		Baumgärtner	(* 21.12.1815) e
		Julianna Heneka	(* 27.10.1820)
	Filhos:	Julianna	(* 10.05.1844)
		Simon	(* 12.10.1849)
4.	Família de	Franz Anton Werner	(* 19.05.1825) e
		Maria Theresia Bohn	(* 23.09.1828)
	Filhos:	Theodor	(* 07.07.1855)
		Sophia	(* 27.09.1856)
5.		Anton Schwarz	(* 08.09.1805)
	Filhos:	Dominik	(* 02.08.1835)
		Heinrich	(* 07.04.1837)
		Anton Josef	(* 30.05.1840)
		Magdalena	(* 12.03.1842)
		Elisabeth	(* 27.08.1845)
6.	Família de	Franz Anton Krieger	(* 05.05.1832) e
		Katharina Betz	(* 25.03.1831)



- Filhos: Wendelin (\* 20.10.1858)  
 Maria Eva (\* 20.01.1860)
7. Família de Michael Schäfer (\* 02.01.1827) e  
 Luise Baumgärtner (\* 29.05.1828)
- Filhos: Adrian (\* 25.09.1852)  
 Anna (\* 24.10.1855)  
 Eugen (\* 05.01.1857)  
 Julius (\* 24.05.1858)  
 Franz Anton (\* 18.09.1859)
8. Thomas Storck (\* 17.06.1840),  
 solteiro.
- Embarque de 24.03.1863**
1. Karl Zimmermann (\* 17.07.1841),  
 solteiro.
2. Julius Brunner (\* 06.08.1842),  
 solteiro.
3. Ludwig Baumgärtner (\* 28.11.1822),  
 solteiro.
4. Família de Bernhard Kistner (\* 11.07.1823) e  
 Anna Maria Heneka (\* 22.02.1823)
- Filhos: Bárbara (\* 05.12.1849)  
 Eugen (\* 20.07.1852)  
 Emma (\* 20.05.1855)  
 Julius (\* 12.06.1860)
5. Jakob Hehl (\* 03.08.1830) e  
 sua irmã  
 Margaretha Hehl (\* 23.03.1826)
- Embarque de 10.10.1846**
1. Família de August Kistner (\* 09.06.1827) e  
 Elisabeth Engster (\* 06.04.1839)
- Filhos: Amandus (\* 04.11.1862)  
 Augustin (\* 13.01.1864)
2. Família de Franz Anton  
 Baumgärtner (\* 03.03.1816) e  
 Magdalena Bohn (\* 14.12.1817)
- Filhos: Julius (\* 13.02.1853)  
 Andreas (\* 10.02.1855)
- Embarque de 27.03.1867**
1. Josef Bohn (\* 02.04.1839),  
 solteiro.
2. Ignaz Schäfer (\* 27.06.1836),  
 solteiro.
3. Maria Anna Heck (\* 18.02.1838),  
 solteira.
4. Família de Wilhelm Schwarz (\* 04.01.1830) e  
 Bárbara Betz (\* 13.05.1829)
- Filhos: Viktoria (\* 26.06.1860)  
 Philipp Adam (\* 14.02.1861)  
 Katharina (\* 21.12.1865)



— DIA 1º. — Depois de permanecer alguns dias em visita a Blumenau, uma comissão de emissários alemães da RDA, liderada pelo sr. Klaus Hätig, Diretor Geral do Ministério do Comércio Exterior daquele país, despediu-se das autoridades locais, seguindo o roteiro da visita, com destino a Florianópolis. Segundo foi divulgado pela imprensa local, a visita daquela Comissão de representantes da República Democrática da Alemanha foi muito proveitosa para o empresariado blumenauense, já que novos e muito valiosos negócios serão desenvolvidos com aquele país, que importará muitos produtos de Blumenau.

---

— DIA 2 — Com a presença de bom público, foi inaugurada a Churrascaria "Galpão", localizada no bairro Garcia, proximidades da Cia. de Cigarros Souza Cruz.

---

— DIA 2 — Como resultado de uma série de enxurradas que assolou Blumenau desde fins de janeiro, a população blumenauense, segundo o noticiário de imprensa (JSC), mostrou-se muito apreensiva com a possibilidade de uma enchente de graves proporções. O próprio prefeito Vilson Pedro Kleinubing, com apenas pouco mais de trinta dias de administração, mostrou-se muito apreensivo com as dificuldades que vinha enfrentando para atender aos inúmeros casos de erosão, desmoronamentos e outras anomalias causados pela violência das águas em diversos bairros, especialmente na região da rua Araranguá, no Garcia.

---

— DIA 9 — Das mãos do Professor Olivo Pedron, o jovem Delcio Francisco Hammes, 29 anos, desenhista publicitário, recebeu o prêmio pela conquista do primeiro lugar com o logotipo dos cem anos do Colégio Pedro II, cuja data é o dia 1º. de maio deste ano.

---

— DIA 10 — A filial da Legião Brasileira de Assistência localizada em Blumenau e com atendimento em vasta região do Vale do Itajaí, comemorou o décimo aniversário de sua instalação. São numerosos os benefícios que essa instituição tem propiciado a toda a região do Vale do Itajaí, especialmente nos convênios que tem firmado com as prefeituras.

---

—DIA 14 — No Auditório do Colégio Santo Antônio, o Prefeito Vilson Kleinubing presidiu a solenidade de abertura oficial do Ano Letivo de 1989.

---

— DIA 14 — A Secretaria de Educação da Prefeitura de Blu-



menau lançou a primeira Jornada Municipal de Educação, envolvendo professores de pré até 8<sup>o</sup>. série do Ensino Municipal. A jornada serviu para expor todo o programa pedagógico para o ano de 1989. A solenidade da abertura da Jornada deu-se no auditório do Colégio Santo Antônio.

---

— DIA 21 — Com um coquetel realizado na sede do Banco Econômico de Blumenau, foi aberta a exposição do artista Pedro Dantas Rodrigues. O acontecimento levou ao local da solenidade numeroso público.

---

— DIA 23 — Violento temporal se abateu sobre o município vizinho de Gaspar, causando, especialmente à lavoura de arroz grandes prejuízos. Além dos prejuízos que mais se acentuaram na região de Belchior, houve invasão de água em diversas residências, causando também estragos e grande perigo aos moradores.

---

— DIA 28 — No Departamento de Cultura da Prefeitura, o Grupo de Bonecos Ribalta apresentou três pequenas peças com marionetes, máscaras, fantoches e teatro de sombras. Enquanto isso, na Galeria Municipal de Artes, foi inaugurada a segunda exposição do ano, mostrando paisagens pintadas pela artista Irene Fischer.

---

— DIA 28 — Às 15.30 horas o prefeito Vilson Kleinubing inaugurou, em solenidade realizada no local, o trecho final da avenida "Martin Luther", que foi iniciada no governo anterior. O trecho inaugurado situa-se entre a rua Indaial e a Praça "Ralf Fuhrmann". Esta rua, que servirá para desafogar o trânsito cidade-Itoupava Seca, também será uma via de escoamento do trânsito futuro, partindo da cidade em direção à Rodoviária, quando estiver concluída a ponte sobre o Rio Itajaí, com cabeceira nas proximidades do Posto Tamarino, obra esta que deverá ser realizada pelo atual governo que tem à sua frente Vilson Kleinubing.

---

— O homem que prossegue na vida sem esmorecer, nunca poderá ser alcançado.

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.



# Leis que regulamentaram a distribuição de terras na Colônia

## UM "CONTO DO VIGÁRIO" TAMBÉM SE FEZ PRESENTE

(Extraído do Livro Terras e Colonização).

Por Augusto Teseiro de Freitas Júnior. Rio de Janeiro, B.L. Garnier, editor, 1882 — Obra que parece bem completa até o ano de 1880.

(O texto original acha-se nos arquivos históricos da Baixa Saxônia)

"Lei nº. 601 de 18 de Setembro de 1850 (Sobre terras e colonizações).

Artº. 1º. — Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra exceptuão se as terras situadas nos limites do Império. . .

Artº. 2º. — Os que se apossarem de terras devolutas ou de alheias e a elas derrubarem matas ou lhes puserem fogo, serão obrigados a despejo com perda de benfeitorias e demais sofrerão a pena de dois a seis meses de prisão e multa de 100\$000 além da satisfação do dano causado. — Esta pena porém não terá lugar nos atos possessórios entre áreas confinantes. Os Juizes de Direito, nas correições que fizeram nas formas das leis e regulamentos investigarão se as autoridades, a quem compete o conhecimento destes delitos, põe todo o cuidado em processá-los e puni-los e farão efetivamente a sua responsabilidade impondo no caso da simples negligência a multa de 50 a 200\$000.

**DECRETO Nº. 1318 de 30 de Janeiro de 1854, que manda executar a Lei nº. 601 de 18 de Setembro de 1850.**

Artº. 20 — As posses estabelecidas depois da publicação do presente regulamento não devem ser respeitadas. Quando os Inspetores e Agrimensores encontrarem semelhantes posses, o participarão aos Juizes Municipais para providenciarem na conformidade da ordem e da Lei supra citada.

Artº. 87 — Determina que os Juizes Municipais são os conservadores das terras devolutas e que os delegados e subdelegados de policia exercerão as funções dos conservadores em seus Distritos, devendo como tais proceder *ex officio* contra os contravenientes.

Artº. 89 — O mesmo procedimento terão a requerimento dos pro



prietários contra os que se apossarem de suas terras e nelas derrubarem matos ou lançarem fogo; contanto que também os indivíduos, que praticarem taes atos não sejam héreos confinantes. Neste caso somente compete ao heréo prejudicado a ação civil.

Artº. 91 a 107 — Tratado do Registro das terras possuidas cuja escrituração, a vista das respectivas declarações dos proprietários ficarão incumbidos os Vigários das Freguesias do Império.

Estas disposições e determinações, de certo bem intencionadas, mas produto das incubrações de pessoas que nada conheciam do interior do Império, total ou quase totalmente ficaram letra morta, aqui, porque durante anos não existia vigário, acolá pela negligência, falta de consciência e sentimento de doar. — O imperativo categórico de Kant! e o excesso de preguiça dos vigários desse que existirão e ainda por causa da renitência da maior parte dos proprietários que consideravam tal registro como prelúdio de imposto territorial ou da verificação de propriedades ilegalmente possuidas. Na Freguesia do Santissimo Sacramento de Itajaí porém declarando-se temporariamente um frade ou missionário flamengo e funcionando como vigário eu lhe fiz a tempo e corretamente minhas declarações inclusive a sobre a terra da Ponta Aguda em duas vias pagando os competentes emolumentos e recebendo depois a 2º. via corretamente atestada e por mim conservada. Algum tempo depois o vigário sacerdote havia desaparecido levando consigo o registro os emolumentos cobrados, enfim tudo que devesse entregar a Tesouraria da Fazenda. Constava depois que o tal ladrão não fosse punido, nem restituísse o registro e dinheiro furtado, mas que o bispo do Rio de Janeiro o mandasse para o Amazonas.

Artº. 108 — Todas as pessoas que avançaram marcos e estacas divisórias, ou destruíram os sinais, números e declarações que se gravaram nos ditos marcos ou estacas ou em arvores, pedras nativas etc; serão punidos com a multa de 200\$000 além das penas a que estiverem sujeitos pelas leis em vigor.

Braunschweig 23 de setembro de 1898

Dr. H. Blumenau".

---

— Nunca espalhes palavras ao vento, pois elas jamais poderão ser recolhidas.

— Deus nos dê a serenidade necessária para aceitarmos as coisas que não podemos mudar.



## Rápidas Biografias de personalidades de nossa história

### Biografia de: Johan Friedrich Georg Ernst Niemeyer.

Nasceu em 4 de fevereiro de 1863 em Joinville, como filho mais velho do diretor da Colônia "Dona Francisca", o engenheiro Louis Niemeyer.

Nome usado como escritor? Ernesto Niemeyer.

Este, a serviço do governo estadual brasileiro, por 30 anos, em sua maior parte como chefe do telégrafo, aposentou-se em 1912.

Hoje reside em Curitiba.

Principais obras: romance: "Solidor Frauen Ideal" (O ideal feminino da Solidor), editora João Haupt e Cia, Curitiba; "Nataugo", editora Krahe e Cia, Porto Alegre.

Poesias: "Teutori", "Eines Brasilianers Lied" (Canção de um brasileiro), "Gedichte" (Poesias) editado em Berlim em 1910.

Publicou muitas outras estórias e novelas, históricas e científicas, tendo sempre a vida brasileira como tema.

---

### Biografia de: Ida Knoll.

Nasceu a 6 de outubro de 1835 em Cronberg no Taunus na Alemanha.

Veio de uma família de professores.

Em 1880 seguiu a seu filho Georg para o Brasil e tornou-se professor na colônia.

Suas poesias e novelas estão espalhadas em calendários antigos.

As mesmas contam da saudade dos emigrantes, da floresta virgem, das alegrias, destinos e religiosidade.

Faleceu em 1919 em Florianópolis".

Tradução: Edith Sophia Eimer)

---

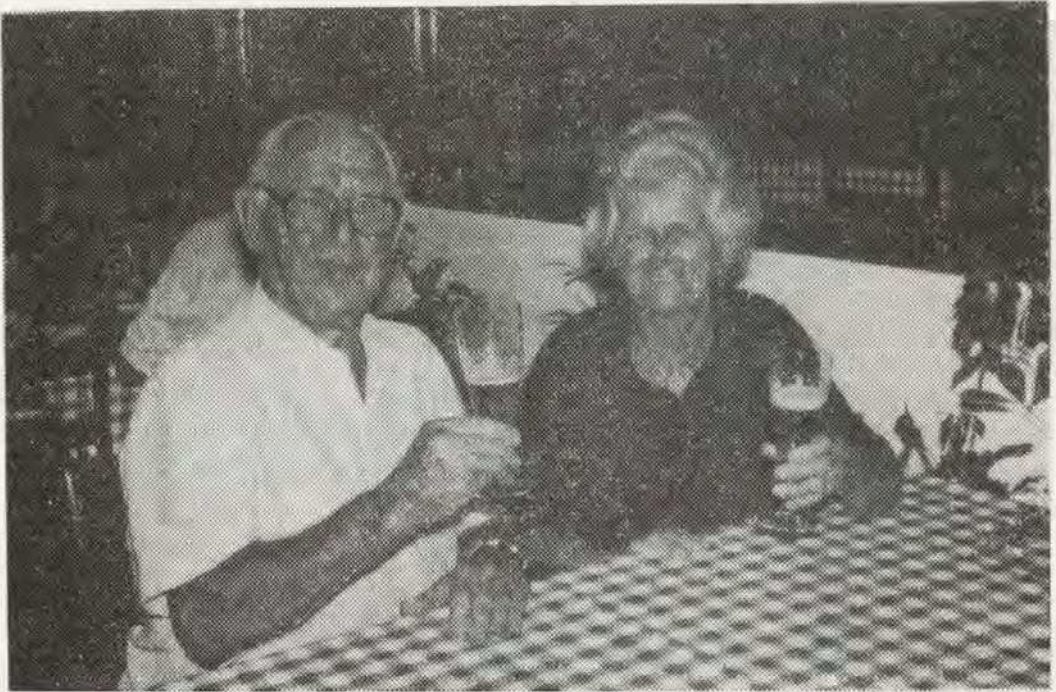
## Escolas e suas dificuldades na 2a. década do século

Der Urwaldsbote: ano 29 n.º. 4 — terça-feira — 12 de julho de 1921.

"O Decreto n.º. 1.318 de 14 de agosto de 1920, obriga todas as escolas mantidas pelo Município de adotar o plano de ensino elaborado pelo Governo Estadual, assim como usar o material didático indicado por ele. (Para as escolas particulares este decreto não terá validade) Além disto o decreto também proíbe o Município prestar qualquer auxílio às escolas estrangeiras".



## **BODAS DE DIAMANTE DO CASAL GARNI**



**O casal Garni e sua alegria contagiante**

Não é nada comum, nos tempos de hoje, poder ser registrado acontecimento tão importante quanto expressivo na vida de um casal.

Viver unidos pelo espaço de 60 anos, — acima da média de vida de humanidade de hoje, é digno de registro especial. E é o que estamos fazendo aqui nesta edição de março.

Werner e Bernhardine Garni, ele empresário que durante quase toda sua vida de trabalho destacou-se com a indústria de artefatos de cimento e tornou-se conceituadíssimo no comércio local; ela, sempre o acompanhando e incentivando em todos os trâmites da vida, chegaram, dia 31 de março deste ano de 1989, aos 60 anos de feliz e muito feliz consórcio.

O acontecimento, como não podia deixar de ser, repercutiu na comunidade blumenauense e foi festejado merecidamente. Às 19 horas daquele dia, os amigos mais chegados ao casal e todos os seus familiares, reuniram-se na Igreja Evangélica de Confissão Luterana, do Centro, participando de um culto ecumênico como ação de graças pelo acontecimento. Depois do culto, os convidados reuniram-se na residência da neta do casal, à rua Francisco C. Hoette, 55, transversal da



rua Alvin Schrader, para um ágape fraternal e quando ocorreram as mais emocionantes manifestações de amizade e admiração pelo distinto e estimadíssimo casal, cujo vigor físico, nos dias de hoje, apesar da idade de ambos, é invejável.

Werner e Bernhardine são alemães natos. Ele nasceu na cidade de Lörrach, perto da fronteira com a Suíça. Emigrou para o Brasil com 17 anos. Ela nasceu na cidade de Essen, na Vale do Ruhr e emigrou para o Brasil aos 13 anos, juntamente com seus pais. Eles se conheceram, no ano de 1928, em São Paulo, no Clube de Ginástica Alemão local. Desse encontro resultou uma grande estima e afinidades entre os dois jovens. Meses após noivaram e um ano após haverem se conhecido, casaram-se, isto a 31 de março de 1929. A cerimônia de casamento de Werner e Bernhardine, realizou-se na Igreja Evangélica de Confissão Lutherana, do Centro, em São Paulo. Após viverem cerca de 10 anos na capital paulista, mudaram-se para Blumenau, isto em fins de 1939, aonde fixaram residência definitiva. E Werner iniciou-se na indústria, com a instalação de uma fábrica de artefatos de cimento. A vida do casal sempre transcorreu na maior harmonia. Desse consórcio, tiveram uma filha, a qual lhes deu três netos, resultando destes, nos dias de hoje, a ornamentação da família com 5 bisnetos. Todos os descendentes de Werner e Bernhardine, a partir dos netos, possuem sobrenomes genuinamente brasileiros, como sejam: Rodrigues, Vieira, Aquino e Dourados. Conta-nos Werner que quando realizou-se uma festividade na família, pelo noivado de sua neta, filha de Jameson Rodrigues, esteve presente à cerimônia o General João Gomes Sá Gualberto, que era avô do noivo, cujo militar, após haver proferido uma saudação aos noivos, abraçou Werner e lhe disse que ambos eram os caciques das duas tribos.

Werner e Bernhardine Garni, são naturalizados brasileiros, nacionalidade esta que ainda mais se acentua pelas gerações que os sucederam. O casal goza da mais perfeita saúde, apesar da idade de ambos. Dizem os dois que o seu melhor remédio para esta jovialidade que ainda hoje fazem sentir a todos, é o de tomarem chá em jejum, mais tarde o café matinal e, à noite, uma cerveja e um pouco de dança no Restaurante Moinho do Vale, durante os dias da semana. É o elixir da vida que alimenta a ambos.

Registrando o acontecimento, o fazemos com a maior alegria, já que, além do mérito de Werner e Bernhardine Garni de ter este raro privilégio de festejar suas bodas de diamante, temos naquele casal dois amigos de longos anos, que nunca nos esqueceram e que por nós jamais serão esquecidos, razão também deste registro em Blumenau em Cadernos, para que o acontecimento seja anexado nos anais da história de Blumenau, pois Werner e Bernhardine representam hoje um forte elo ligando o passado pioneiro de nossa história ao grande desenvolvimento de Blumenau de hoje. — Parabéns, amigos!

---

— A esperança é um empréstimo feito à felicidade.



# Blumenau - Algumas notas históricas

Sob o título acima, o jornal "A Cidade", que se editou em Blumenau desde 1925, publicou, em sua edição de 4 de janeiro de 1933, um interessante trabalho de José Boiteux, historiador de saudosa memória, e cujo texto é o seguinte:

"Fundada a colônia pelo dr. Hermann Blumenau em 1852, oito anos após encampava-a o governo imperial, que conservou, como seu delegado à frente do núcleo que se expandia à margem direita do Itajai-Açu, o mesmo homem, misto de idealista e de desbravador, que, na mata virgem plantara o primeiro marco de civilização, cinquenta quilômetros acima da então freguezia do Santíssimo Sacramento de Itajai.

Elevada a Paróquia pela lei provincial nº. 694, de 31 de julho de 1873, com o predicamento de freguezia, sete anos após obtinha, em virtude da lei nº. 860, de 4 de fevereiro de 1880, a almejada categoria de villa, por consequência sede do município, parte componente da comarca de Itajai.

Em 1883, dava-se a instalação do município, formando a antiga colônia, já então emancipada, uma das unidades administrativas da Província.

Passados apenas três anos, criava a lei nº. 1.109, de 30 de agosto, a comarca, a cuja frente se encontra, nesta data memorável, um filho do grande catarinense Hercílio Luz, que, como chefe da comissão de terras e colonização de Blumenau, tão notável impulso deu aos serviços que lhe estavam afetos, promovendo, principalmente, a colonização no vasto território devoluto entre esse e o município de Joinville.

Do relatório do engenheiro João Carlos Greenhalgh, apresentado em 1886, a indústria blumenauense representada por 50 fábricas de produtos diversos, sobressaindo entre elas uma de vinho, quatro de vinagre, uma de licores, dez de charutos e uma da manteiga, de banha e de conservas de carne, perfeitamente montadas, fabricando-se também gelo.

As profissões e ofícios eram exercidos por mais de 400 indivíduos, ocupando-se o restante na lavoura e outros misteres; contavam-se então 90 negociantes, 26 professores públicos e particulares, um médico, dois farmacêuticos, um litógrafo e fotógrafo, dois tipógrafos, um pintor, um escultor, quatro relojoeiros e não pequeno número de operários de ofícios diversos.

Existiam, naquele tempo, 3.482 lotes ocupados e 410 medidos sem ocupantes. O preço médio da braça quadrada arbitrava-se em três réis. Já em 1911, segundo se lê no relatório do cônsul da Itália Gerardo Pio de Savoia, o município contava 6.486 lotes ocupados, 3.000



quilômetros de estradas de rodagem, percorridas por cerca de 2.000 veículos.

Computava-se em 30.000 o número de vacas leiteiras, sendo de 385.551 quilos, a exportação da manteiga em 1899.

Tendo sob os olhos a seguinte estatística, referente à população em 1887: 16.507 habitantes, dos quais 8.347 do sexo masculino. Era 5.745 o número de católicos. Sabiam ler 8.064. Eram brasileiros 8.611, alemães 5.505, austríacos 1.360, italianos 978 e 53 de outras nacionalidades.

Escasseiam-se me, infelizmente, informes recentes para um termo de comparação; mas desnecessário é alinhar algarismos para demonstrar o quanto tem crescido, sob todos os pontos de vista, o núcleo colonial em 1852 fundado pelo Dr. Blumenau.

É hoje, para sua própria glória, o primeiro município do Estado e para a glória do nosso Estado um dos mais importantes do Brasil.

Colmeia de trabalho incessante, honra o alto espírito e o esforço da gente que o povoa, enobrecendo o Estado e a grande Pátria comum”.

**José Boiteux**

---

## FECHAMENTO DE ESCOLAS

Der Urwaldsbote: ano 29 nº. 4 — terça feira — 12 de julho de 1921.

“Entre as escolas recentemente fechadas por ordem do inspetor escolar também está a Escola “Liberdade Alto”. A mesma não tinha um professor aprovado pela banca examinadora, mas era lecionado pela Gramática Rothermund em idioma português. Por parte da comunidade chegou às mãos um protesto assinado por 15 pessoas e no qual dizia:

“Nós associados da Escola fechamos a mesma durante o mês de julho acatando a “Obediência à Autoridade”. Como não nos foi possível conseguir um professor aprovado para nossa comunidade a inspetoria escolar tem tempo este mês de conseguir um professor ao qual nós estamos prontos a pagar 40 milreis por mês.

Creemos que a esta proposta o Inspetor não pode esquivar-se. Mas se o fizer mesmo assim ele prova que está mais interessado a subjugar o espírito alemão do que favorecimento da língua portuguesa. As crianças desta região terão que crescer como analfabetos só para fazer jus aos decretos?”

---

— O tempo cicatriza as feridas do corpo e da alma.



## Museu de Informática já está exposto na Biblioteca

A partir do dia 29 do corrente mês de março, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" tornou-se depositária e guardiã do pioneiríssimo Museu de Informática que até este momento se conhece no país. Trata-se da doação que fez a CETIL — Processamento de Dados que, tendo reunido volumoso número de aparelhos que foram utilizados desde a década de 1960 e que agora são obsoletos, passam a ser peças de museu e muito importante instrumento na aculturação da nossa juventude na preservação da memória histórica e da evolução tecnológica da Informática no Brasil.

O ato de entrega dos equipamentos à Fundação "Casa Dr. Blumenau", deu-se às 15,30 horas do mesmo dia 29, com a presença do sr. Ingo Greuel, o fundador da CETIL e incentivador da criação do Museu, e que hoje é presidente do BESC, da presença ainda do s. excia. o dr. Vilson Pedro Kleinubing, prefeito municipal, acompanhado do sr. Manfredo Bubeck, Secretário de Turismo, Esporte e Cultura, além de outras figuras do mundo informático brasileiro. Na oportunidade

também esteve presente, por haver feito uma doação de livros à Fundação, o Cônsul da República Democrática Alemã junto ao Escritório Comercial daquele país em São Paulo, sr. Hans Dieter Beuthan.

O importante acervo informático, constando de numerosas máquinas que impressionam pela sua constituição, será mais enriquecido ainda com outros equipamentos, que outras fontes chegarão à Fundação, sob o estímulo da CETIL e especialmente do seu fundador em Blumenau, sr. Ingo Greuel.

Acredita-se que, para escolher todo o acervo que, ao longo dos próximos meses será colocado à disposição da Fundação, para o futuro grande e variado Museu de Informática, será necessário um dos pavimentos de 550 metros quadrados do futuro prédio que se pretende erguer ao lado do atual prédio da Fundação, à Alameda Duque de Caxias e em cujo pavimento térreo espera-se poder instalar outro museu de real importância na preservação da memória histórica e que será o Museu da Indústria.

### LIVROS ALEMÃES OFICIALMENTE ENTREGUES À BIBLIOTECA

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", recebeu, há dias, uma certa quantidade de livros enviados pela Sociedade Nova Pátria, da República Democrática Alemã. Para fazer esta entrega oficial à Biblioteca Fritz Müller, compareceu em Blumenau o sr. Hans Dieter Beuthan, Cônsul daquele país junto ao Escritório Comercial de São Paulo, o qual, por delegação que foi conferida pelo embaixadores da R. D. A. no Brasil, sr. Werner Haenhold, fez a entrega ofi-

cial das importantes obras em língua alemã, de diversas generalidades, com a promessa de que outras ainda serão enviadas pelo seu país, para a Fundação "Casa Dr. Blumenau", no decorrer do corrente ano. O número de livros ora entregue, soma 83 volumes que passam às estantes, à disposição dos alunos que cursam, nas escolas municipais ou estudam a língua em escolas particulares, o idioma alemão.



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S3015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edite Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Elimar Baumgarten; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMBROS: Arthur Fouquet — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Utda. Alice Klueger — Willy Sievert — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves



MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISetas E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering  
BLUMENAU - SANTA CATARINA